

CEMITÉRIOS NO SERIDÓ, SÉCULO XIX: CONSTRUINDO DE UMA PESQUISA

Alcineia Rodrigues dos Santos¹⁰

RESUMO

Este texto tem como objetivo analisar como o impacto das epidemias, que atingiram o Seridó Norte-rio-grandense a partir de 1850, contribuiu para a ação transformadora sobre os costumes fúnebres e as atitudes da população para com a morte e os mortos. O impacto das epidemias nas transformações na cultura funerária foi fundamental. As doenças provocavam alto índice de mortalidade, tornando inviável o enterramento no interior das igrejas, uma vez que não havia tempo suficiente para a total decomposição dos corpos. Logo, constituíram-se em um dos elementos catalisadores do discurso higienista, que há tempos lutava, sob influência européia, contra o enterramento *ad sanctos*, com base na prevenção de males e a favor da higienização pública. Dentro dessa conjuntura, o Seridó, a exemplo de outras regiões brasileiras, como São Paulo e o Rio de Janeiro, iniciou o processo de secularização da morte. Foi esse processo que nossa pesquisa buscou compreender, trajetória que pretendemos mostrar a partir desse artigo.

Palavras-Chave: Seridó. Epidemia. Morte. Cemitério. Secularização.

¹⁰ Doutora em História pelo Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás. E-mail: annaneia@yahoo.com.br.

No período que compreende o século XVIII e a primeira metade do século XIX, a população do Seridó tinha todo um cuidado com a organização da morte. Esta coexistia instalada no seio de sua vida social. A difusão da idéia cristã que guarda a felicidade no além propiciava certa proximidade com a morte, tornando ao mesmo tempo assustosa e intimamente familiar. Essa cultura, no entanto, começa a se transformar no ano de 1856, devido à incidência de surtos epidêmicos em toda a capitania do Rio Grande do Norte. A partir do interesse voltado para a questão da transferência dos enterramentos e da secularização dos cemitérios públicos na região do Seridó, apresentamos neste texto uma discussão sobre nossa trajetória de pesquisa no sentido de mostrar possibilidades de estudos nessa área. Nossa análise surgiu a partir do desejo de compreender a relação que a população do Seridó manteve com a morte e com os mortos no momento em que os surtos epidêmicos de cólera-morbo, varíola e febre amarela grassaram na região, provocando modificações na cultura fúnebre, especialmente transferindo os enterramentos de dentro das igrejas para os ambientes públicos, os cemitérios urbanos.

A partir de nosso contato com o Laboratório de Documentação Histórica – LABORDOC¹¹ – durante o curso de Bacharelado e Licenciatura Plena em História, no Centro de Ensino Superior do Seridó – CERES –, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 1998, que esse desejo de aprofundar os conhecimentos sobre a cultura mortuária começou a ser concretizado.

Desde então, temos empreendido estudos acerca das representações em torno da morte no Seridó. Nossas investigações têm evidenciado que, no período que compreende o século XVIII e a primeira metade do século XIX, os moradores desse espaço tinham todo um cuidado com a organização da morte, com vistas à salvação da alma. Essa cultura, no entanto, começa a se transformar no ano de 1856, devido à incidência de surtos epidêmicos em toda a capitania do Rio Grande

¹¹ Laboratório de pesquisa histórica ligado ao Departamento de História e Geografia – DHG – do Centro de Ensino Superior do Seridó da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O LABORDOC é um espaço de pesquisa e ensino. Nele, encontramos os testamentos e autos de contas, analisados em nosso estudo.

do Norte. Esse é o ponto que conduzirá nossa investigação no estudo que ora apresentamos.

Esta pesquisa tem, assim, como meta a investigação das transformações na cultura mortuária no Seridó¹², sertão do Rio Grande do Norte, no período de 1850 a 1930. Banhado pelo rio de mesmo nome, o Seridó teve seu delineamento geográfico configurado a partir da doação de terras para o criatório. Nessa região, surgiram duas freguesias: inicialmente, a da Gloriosa Senhora Santa Ana do Seridó – em 1748 – e, em seguida, a de Nossa Senhora da Guia do Acari, no ano de 1835.

Segundo Medeiros Filho,

O território, outrora representado pela Freguesia da Gloriosa Senhora Santa Ana do Seridó – criada no ano de 1748 – compreendia, na sua extensão, áreas pertencentes às então capitanias da Paraíba e do Rio Grande do Norte. O território fazia parte do sistema hidrográfico formado pelos rios Seridó e Espinharas. A grosso modo, os limites naturais daquela freguesia eram: ao *norte*, as serras de Santana, ao *sul*, os contrafortes da Borborema, de cujas fraldas desciam todos os tributários que compunham as ribeiras das Espinharas, Sabugi, Quipauá, e do próprio Seridó; ao *leste*, as serras, também integrantes do sistema da Borborema, de onde provinham os afluentes do Seridó; ao *oeste*, o rio Piranhas, desde a altura de Jucurutu até a barra do Espinharas; e daí, seguindo-se, as serras que servem de divisórias das águas que correm para o Espinharas¹³.

Tais mudanças são aqui pensadas a partir da ideia de secularização dos hábitos cotidianos. Secularização entendida, conforme o pensamento de Peter Berger, como indicativo de perda da influência por parte das autoridades

¹² Situado na porção centro-meridional do Rio Grande do Norte, o Seridó corresponderia, atualmente, em grande medida, a um conjunto de 23 municípios: Caicó, Acari, Jardim do Seridó, Serra Negra do Norte, Currais Novos, Florânia, Parelhas, Jucurutu, Jardim de Piranhas, São João do Sabugi, Ouro Branco, Cruzeta, Carnaúba dos Dantas, Cerro Corá, São Vicente, São Fernando, Equador, Santana do Seridó, São José do Seridó, Timbaúba dos Batistas, Lagoa Nova, Ipueira e Tenente Laurentino Cruz. (Ver mapa 04, p. 55). “Destarte, vale-nos mais aproximarmo-nos da cartografia colonial com suas delimitações territoriais que lançam mão do complexo físico (ribeiras: Seridó, Piranhas, Acauã e Espinharas), religioso (Freguesia da Gloriosa Senhora Sant’Ana do Seridó) e político (Vila do Príncipe). O Seridó atual é, na verdade, uma sobreposição destas instâncias espáciohistóricas”. MACÉDO, Muirakytan Kennedy de. **Rústicos cabedais**: patrimônio e cotidiano familiar nos sertões do Seridó. (Séc. XVIII). 2007. 300f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Natal-RN. p. 16.

¹³MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Velhos inventários do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1983, p. 9.

eclesiásticas, que, estando ligada à Igreja tradicional, significaria *descristianização*, ou *paganização*. Desse modo, por secularização compreende-se o processo pelo qual alguns setores sociais e culturais têm, em seu seio, diminuída a preponderância das instituições e dos símbolos religiosos quando acontece a separação entre Igreja e Estado.

No caso específico do recorte espaço temporal escolhido por nós, esse processo de descristianização acontece no contexto de mudanças socioeconômicas e culturais relacionadas ao discurso médico-higienista que se propagava no Brasil, com vistas ao processo modernizador da sociedade. A partir do ano de 1850, toda a capitania Rio Grande do Norte é acometida por surtos epidêmicos e, nesse momento, velhos costumes passam a ser questionados. Como parte dessa mudança, a secularização vai além de um processo socioestrutural; “ela afeta a totalidade da vida cultural e da ideação e pode ser observada no declínio dos conteúdos religiosos nas artes, na filosofia, na literatura e, sobretudo, na ascensão da ciência, como uma perspectiva autônoma e inteiramente secular do mundo”.¹⁴

Escolhemos, assim, o Seridó como unidade básica de investigação desta pesquisa, considerando sua cartografia inicial a partir da Freguesia da Gloriosa Senhora Sant’Ana, criada em 1748 (ver mapa 02, página 52) e observando, ainda, o espaço da Freguesia de Nossa Senhora da Guia, que nasce em 1835, desmembrada desse primeiro recorte espacial. A escolha dessa geografia deu-se especialmente por se tratar de um espaço em relação ao qual a compreensão das atitudes diante da morte e dos mortos bem como das mudanças na estrutura sociocultural podem ser favorecidas pela existência de um manancial de documentos produzidos nas instâncias civil, religiosa e judiciária. Documentos que atualmente estão depositados em fundos arquivísticos de laboratórios em Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, e em cidades da região do Seridó. Um condicionante fundamental para essa escolha foi o fato de que, no ano de 1856, nas vilas de Caicó, Currais Novos, Acari e no sítio Carnaúba, termo da vila do

¹⁴ BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria da religião. São Paulo: Paulus, 1985. p. 119.

Acari, as mudanças no modo de enterrar estavam se iniciando, especialmente com a implementação de cemitérios nos moldes que hoje entendemos como convencionais.

Certamente, a “regionalização escolhida corresponde, em certa medida, às territorializações da região do Seridó que os órgãos técnicos estatais elaboram para o mapa político estadual”^{15 16}, ficando claro que a região do Seridó como recorte regional atual não é explorada em nossa pesquisa, já que a cartografia seridoense contemporânea não descreve o espaço histórico de atuação de nosso objeto de pesquisa. Nosso recorte temporal compreende de 1850 até o ano de 1930. A cronologia inicial pontua o momento em que as províncias do Norte foram gravemente acometidas pelos surtos epidêmicos – especialmente o de cólera-morbo –, que tiveram efeitos diretos no Seridó. O segundo marco temporal não deixa de ser importante, pois é através dele que inscrevemos nosso estudo no âmbito do fenômeno que Michel Vovelle nomeou de *a era de ouro dos cemitérios* – 1860-1930 –, especialmente caracterizado pela afirmação do luto burguês, o qual, idealizado segundo pensamento higienista, promove uma clara separação entre o espaço dos vivos e o dos mortos. Apesar da escolha por esse período, estamos certa da necessidade de estabelecermos recuos no tempo, especialmente no sentido de verificar as contradições e construções que se processavam em relação aos cemitérios.

Uma periodização é necessária para a definição de um recorte de espaço e tempo a serem abordados. Não obstante, percebendo a dificuldade de definir nossos marcos cronológicos, citamos Fernando Catroga, para o qual “toda datação é artificial e arbitrária”.¹⁷ Com o empréstimo das palavras desse autor, ficamos mais confortável para, mesmo definindo o início de nossas pesquisas, estabelecermos os recuos necessários, ou mesmo alargarmos nosso recorte

¹⁵ (MACÊDO, 2007, p. 15).

¹⁶ É importante ressaltar que oficialmente o Seridó foi dividido em duas microrregiões: Seridó Ocidental e Seridó Oriental. No Plano de Desenvolvimento Sustentável do Seridó (2001, p. 39-40, apud MACÊDO, 2007), a região está dividida em três zonas homogêneas: Caicó, Currais Novos e Serras Centrais. Sobre esse assunto, Cf.: IBGE. Resolução PR n. 51 de setembro de 1989 (apud MACÊDO, 2007). Boletim de serviço n. 1736, p. 2 (apud MACÊDO, 2007).

¹⁷ CATROGA, Fernando. **O Céu da Memória**: Cemitério Romântico e Culto Cívico dos Mortos em Portugal 1756-1911. Coimbra: Minerva, 1999. p. 8.

espaço temporal. Desse modo, estabelecemos como marco cronológico a segunda metade do XIX e as primeiras décadas do século XX, pois, assim, teremos oportunidade de compreender o contexto histórico-social pelo qual passava o Seridó no momento em que se processavam as mudanças na cultura fúnebre.

Procuramos apoiar nosso estudo situando-o no limiar entre a história social e a história cultural, por acreditarmos que, para se compreender a cultura mortuária do Seridó e suas transformações, necessário se faz uma abordagem que contemple essa cultura em completa harmonia com a vida socioeconômica e cultural. Nesse sentido, pensamos de acordo com Peter Burke, o qual elege o termo *história sociocultural* para designar aquelas abordagens que, longe de provocar um deslocamento da “história social da cultura para a história cultural da sociedade” – ou vice-versa –, utilizam as categorias *cultura e sociedade* indistintamente, na tentativa de solucionar problemas de investigação histórica.¹⁸

A nova história cultural¹⁹ vem incorporando, cada vez mais, novos temas aos estudos científicos. Um exemplo desse novo olhar para o entendimento da vida social são as pesquisas em torno da morte e suas representações. Mesmo assim, o homem da atualidade procura fugir à ideia da morte. Antes o indivíduo conhece o morto, para só mais tarde ter consciência da morte. Essa rejeição pode ser explicada pelo desejo de imortalidade alimentado pelo homem, que, mesmo com a certeza de sua limitação, parece não se conformar com essa *partida*, o que lhe propicia a criação e a manutenção de perspectivas e formas para afirmação de sua existência. O conhecimento em relação à morte cria a negação desta, porém a ideia da finitude da vida e o temor que tem causado ao longo dos tempos em toda a sociedade ocidental “persegue o animal humano como nenhuma outra coisa: ela é um dos maiores incentivos da atividade humana – atividade em

¹⁸ BURKE, Peter. **O que é história cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 146-151.

¹⁹ A expressão *nova história cultural*, neste estudo, define o conjunto de práticas historiográficas e teóricas que se manifestaram a partir das novas abordagens da terceira geração da escola dos *Annales*. Essa nova forma de se interpretar os fatos históricos buscava fugir de uma história historicizante, que se negava a dialogar com as demais ciências humanas. A nova história cultural traz uma nova forma de abordagem da cultura, mostrando a história não mais como uma história do pensamento, na qual se estudavam os grandes nomes de uma dada corrente ou escola. (PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 15).

grande parte destinada a evitar a morte, a vencê-la negando de algum modo ser ela o destino final do homem”.²⁰

Ainda que muito tênue seja a linha que separa o uso dos termos *cultural* e *social*, os domínios da história social e da história cultural são herdeiros diretos da tradição dos *Annales*. Isso por manifestarem reação contrária à historiografia do século XIX, deixando de lado as ideias de uma velha, ou tradicional, história cultural de concepções marxistas e que contrapunha a cultura erudita à cultura popular e/ou, ainda, à factualista, cujo foco de análise quase sempre eram as ideias e decisões de grandes homens, além de considerar o documento escrito como fonte irrefutável de verdade. Nesse sentido, “trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo”.²¹

Do mesmo modo, como forma de precisar nosso objeto de investigação, este estudo observa o conceito de *circularidade cultural* e o *método indiciário*.^{22 23} A obra *O queijo e os vermes*, por exemplo, nos dará suporte para pensarmos a cultura funerária seridoense dos séculos XVIII e XIX através da *circularidade cultural*, que entende a cultura como um conjunto de reelaborações culturais constantes. Ginzburg (1987) reconstrói a história de Domenico Scandella, moleiro friulano conhecido como Menocchio, condenado como herege pela Inquisição no século XVI e que foi queimado por ordem do Santo Ofício. Assim, a abertura de dois processos instaurados contra o moleiro dá suporte a uma valiosa averiguação sobre a cultura das classes subalternas na Idade Média. Nessa obra, Ginzburg observa que o conceito de cultura como “o conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamento próprios das classes subalternas em um certo período histórico é relativamente tardio e foi emprestado da Antropologia cultural”.²⁴ Nesse sentido, ele analisa até que ponto acontece o processo de alternância cultural entre as

²⁰ BECKER, Ernest. **A negação da morte**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995. p. 9.

²¹ Sobre esse assunto, consulte-se: CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campos, 1997. p. 45; Pesavento (2004. p. 14-15).

²² GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

²³ GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras: 1989.

²⁴ (GINZBURG, 1987, p. 16-17).

classes subalternas e as hegemônicas, numa influência recíproca entre essas duas camadas sociais.

Pretendemos, por meio dos vestígios deixados pelo homem seridoense, desvendar o pensamento que a sociedade tinha em relação à morte e a suas representações, ou, pelo menos, aproximar-nos dele. É nosso interesse refletir sobre a mobilização desses fatos históricos, que, por meio de documentação manuscrita, deixaram vestígios culturais. Podemos dizer que a cultura é transmitida de muitas maneiras entre as sociedades a fim de esboçar processos de sociabilidade, nos quais se inserem várias crenças e costumes. No Seridó, evidentemente, esse processo de circularidade envolveu todo um aparato cultural, eclesiástico, político e, por assim dizer, jurídico-civil.

A análise da documentação nos permite avaliar as atitudes em relação à finitude da vida elencadas pela população da antiga Freguesia de Sant'Ana do Seridó, por ser essa documentação indicativo do pensamento social bem como um veículo esclarecedor das ideias vigentes. A produção dessa documentação, levando-se em consideração a época, mostra a valorização da cultura como veículo de transmissão do conhecimento. Nesse sentido, observamos nela vestígios de nossos ascendentes no esforço por arquivar seus hábitos, práticas religiosas e tradições culturais diante da vida e da morte. É possível afirmar que o material escolhido para esta pesquisa, notadamente as fontes manuscritas, compreende um conjunto de processos culturais elaborados pela população da província do Rio Grande do Norte, e do Seridó propriamente, na maioria dos casos sob a responsabilidade da Igreja católica, o qual certamente permite incursionar pelos processos culturais do Seridó. Não menos importantes foram nossas investidas em arquivos e bibliotecas públicos e particulares, onde pudemos consultar obras de historiadores norte-rio-grandenses e de estudiosos do Seridó antigo, fontes com as quais compartilhamos nossas impressões sobre a temática em questão.

A base de dados utilizada na tentativa de responder às indagações propostas nesta pesquisa é composta por quatro conjuntos documentais: 1) textos manuscritos oriundos da Igreja Católica Romana, evidentemente representada

pela Freguesia de Sant'Ana do Seridó, constituídos de assentos de óbitos que percorrem o período de 1788 a 1930²⁵, além do Livro de Tombo – 1748-1906 – da referida freguesia; 2) textos manuscritos provenientes do Estado, representado pelo Termo Judiciário da Vila Nova do Príncipe e Povoações do Acari e Currais Novos, compostos de *folhas esparsas*, papéis avulsos, testamentos, inventários *post mortem* e posturas municipais; 3) textos impressos oficiais – a partir de manuscritos, também procedentes do Estado, produzidos pela capitania do Rio Grande do Norte, constituídos de Falas e Relatórios dos Presidentes da Província referentes ao período de 1835 a 1930; 4) recursos visuais – organizados a partir de um levantamento de fotografias dos cemitérios pesquisados, além da planta baixa dos quatro cemitérios.

Os registros de óbitos, especialmente, se constituíram em importante fonte para pensarmos o imaginário da morte no Seridó – por ter sido neles que, de modo mais patente, identificamos aspectos referentes à preparação para o *bem morrer*, a partir do registro de símbolos religiosos, a saber: a administração dos últimos sacramentos, a roupa mortuária, a encomendação da alma e o enterramento *ad sanctos*. As variáveis para indexação estão basicamente ligadas a esses aspectos religiosos – preparação para a morte e cerimônia de enterro. Os dados foram ordenados no *software* Microsoft Access, por tratar-se de um banco de dados que fornece várias ferramentas de análise, dentre elas a possibilidade de filtrar informações segundo critérios predeterminados. Nossa intenção era cruzar os dados quantitativos contidos nos documentos com textos provenientes dos testamentos, no intuito de percebermos semelhanças e mudanças ocorridas ao longo do período escolhido para nossa pesquisa.

Junto ao desejo de desvendar os mistérios que permeavam o imaginário em torno da morte no Seridó, surgiu a oportunidade de pesquisarmos uma vasta documentação oriunda da Comarca de Caicó-RN, documentação que hoje está sob a custódia judicial do LABORDOC, catalogada e em processo de digitalização. Essa documentação foi repassada ao referido laboratório para se evitar que fosse

²⁵ Esse período corresponde a sete exemplares. Os três primeiros livros – 1788-1811, 1812-1832, 1832-1857 – foram utilizados nesta pesquisa com o intuito de retornarmos às antigas práticas mortuárias seridoenses como forma de introdução ao estudo das mudanças.

incinerada. Dentre os documentos catalogados, encontram-se testamentos²⁶ e inventários²⁷ *post mortem*, base de conhecimento que trazia elementos essenciais ao desenvolvimento de um estudo sobre as representações da morte, principal objeto de nossas indagações, no curso de graduação. Dentre esses elementos podemos citar, por exemplo, as atitudes elencadas por cada indivíduo, em vida, com vistas a sua salvação.²⁸

Outro manancial arquivístico que exploramos foram documentos oficiais procedentes do Estado, as *Falas e Relatórios* dos Presidentes da Capitania do Rio Grande do Norte, utilizados especialmente para pensarmos como a sociedade estava observando a dinâmica proposta pelo discurso médico-higienista bem como para discutirmos as estratégias de cada um dos representantes da capitania no sentido de aplicar os meios disponíveis para solucionar os efeitos danosos dos surtos epidêmicos. Tais documentos foram compilados, em cinco volumes, pela editora da Fundação Guimarães Duque e da Fundação Vingt-un Rosado, publicados na *Coleção Mossoroense*. Fragmentos desses exemplares estão disponíveis, digitalizados, no sítio da Universidade de Chicago e podem ser acessados a partir do endereço eletrônico <http://www.crl-jukebox.uchicago.edu>.

Nosso quarto conjunto documental é constituído de recursos visuais. É nosso intento analisar a arquitetura e a escultura dos cemitérios, observando-as

²⁶ O mais antigo data de 1752.

²⁷ Inventário é o processo judicial que se destina a apurar os bens deixados pelo finado, a fim de sobre o monte proceder-se a partilha [...]. No inventário se verifica qual o patrimônio do *de cujus*. Cobram-se as dívidas ativas. Pagam-se débitos. Calcula-se o valor do espólio. Pagam-se os impostos sucessórios. Pagam-se os legados. E afinal, procede-se a partilha. (RODRIGUES, 2001, apud MACÊDO, 2007, p. 27).

²⁸ Durante o mestrado em Ciências Sociais, levamos a termo uma pesquisa sobre a forma como a população da antiga Freguesia de Sant'Ana se preparava para a morte. Tal investigação, concluída com dissertação final da referida pós-graduação, defendida em 2005, se, por um lado, evidenciou que o grande desejo dos fregueses de Sant'Ana era bem morrer para seguir à *glória*, por outro suscitou uma gama de possibilidades de pesquisa sobre a região do Seridó, visto que uma série de indagações ainda precisavam ser trabalhadas, como é o caso do estudo que ora empreendemos no sentido de pensar as novas práticas fúnebres verificadas a partir da segunda metade do século XIX, estudo que não foi possível realizar naquele momento, pois fugia ao escopo teórico metodológico e ao cronograma de conclusão da pesquisa. Cf. SANTOS, Alcineia Rodrigues dos. **Temp(l)o da salvação**: representações da morte e ritos fúnebres no Seridó nos séculos XVIII e XIX. 2005. 179f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Natal-RN.

como importantes para a história da cultura visual²⁹, já que transmitem um conhecimento acerca das ideias e das práticas religiosas da época. Assim, por meio de fotografias bem como das plantas baixas dos cemitérios, buscamos fazer uma narrativa visual dos túmulos existentes. A partir dessa fonte documental, a pesquisa revelou que, em nossos campos-santos, predomina um conhecimento artístico advindo tanto da cultura erudita como da popular e de massa, encontrando-se desde túmulos que explicitam um gosto popular até aqueles dotados de valor artístico histórico.

O pesquisador Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes, tratando das *Fontes Visuais, Cultura Visual e História Visual*, num artigo publicado pela Revista Brasileira de História, em 2003, observa que “o primeiro campo do conhecimento em que se terá um reconhecimento sistemático do potencial cognitivo da imagem visual é a História da Arte, que se consolida no século XVIII – e não por acaso, já que se trata de seu objeto referencial específico”.³⁰

De acordo com Menezes, esse esforço em sistematizar imagens artísticas e codificar seus significados iniciou-se no Renascimento, empenho reconhecido três séculos depois, com a aceitação da iconografia como prática científica. Não obstante, a Revolução Francesa promove esse incentivo produzindo imagens, como *instrumento de luta política, revolucionária e contrarrevolucionária*, que chamam a atenção dos historiadores, sobretudo os da arte. Concomitantemente, acontece o despertar da ideia de *monumento histórico*, que permite estabelecer uma relação visual com o passado. A História da Arte, no entanto, “começa a

²⁹ As pesquisas de Ulpiano Bezerra de Menezes têm observado que o campo dos estudos da cultura visual tende a favorecer os historiadores, enriquecendo sua produção. De acordo com Menezes, “a voga dos estudos de *cultura visual* assinala com clareza, no campo das ciências sociais – para o bem e para o mal –, aquilo que já foi chamado de *Picture turn*, em sequência ao *linguistic turn* de décadas anteriores, que chamara a atenção para o texto antropológico ou sociológico na produção do conhecimento. (Até a história, diga-se de passagem, principalmente a História Cultural, ainda que tardiamente e sem maiores cuidados, deixou-se tocar por esta primeira reformulação de paradigmas, mas ainda não tomou ciência da segunda)”. Nesse sentido, Menezes (2003) frisa, que a metodologia de abordagem dada à cultura visual, por parte dos historiadores, não consegue, ainda, atingir a compreensão necessária de sua historicidade. MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. *Fontes Visuais, Cultura Visual, História Visual: balanço provisório, propostas cautelares*. **Revista Brasileira de História**, São Paulo: ANPUH, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em: 15 out. 2010. p. 23.

³⁰ (MENESES, 2003, p. 13).

encaminhar-se para a aceitação dos direitos de cidadania da *fonte iconográfica*, sobretudo mais tarde, nos domínios da História Cultural”.³¹

Pretendemos, contudo, notar a discussão de Menezes em relação à sua posição no que diz respeito ao uso da produção imagética como parte de nossa realidade social. Assim, ressaltamos que o uso de imagens em nossa pesquisa torna-se fundamental, pois a partir delas, podem-se contemplar práticas cotidianas, em suas mais variadas dimensões, usos e funções, sendo uma importante fonte de informação sobre a cultura funerária seridoense.

No que diz respeito aos estudos do imaginário, partilhamos da ideia de que ele está inserido no campo das representações, conforme observa Jacques Le Goff.³² Essas representações são produzidas a partir das ações partilhadas entre a comunidade sendo ressaltados por meio das lembranças delineadas de acordo com as experiências vividas. É nesse contexto que inserimos nosso estudo sobre as atitudes diante da morte e a mudança na cultura fúnebre seridoense.

Pesquisadores como Gilbert Durand acreditam que o imaginário como o conjunto das imagens e sua relação “aparece-nos como o grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano”³³. Para Durand (2002), o imaginário é dinâmico e tem sua própria essência. Ele associa pensamento e imagem, sendo essa imagem portadora do símbolo, que antecede ao audiovisual, e que está estruturado na raiz do pensamento. Afirma Durand: “o imaginário não é mais que esse trajeto no qual a representação do objeto se deixa assimilar e modelar pelos imperativos pulsionais do sujeito”.³⁴

Parece-nos fundamental observar a compreensão de Durand em descrever o imaginário como algo que “não só se manifestou como atividade que transforma o mundo, como imaginação criadora, mas, sobretudo como transformação eufêmica do mundo, como *intellectus sanctus*, como ordenança do ser às ordens do melhor”.³⁵ A partir dessa concepção de imaginação simbólica, é que estamos

³¹ (MENESES, 2003, p. 13).

³² LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Lisboa: Estampa, 2002. p. 18.

³³ DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 18.

³⁴ (DURAND, 2002, p. 41).

³⁵ (DURAND, 2002, p. 432).

buscando compreender o cemitério e suas potencialidades culturais e imagéticas, tendo em vista que ele contém materialmente, de alguma forma, seu sentido simbólico.

Na busca de resposta à problemática levantada, partimos da ideia de que os dados e informações necessários a nosso estudo não aparecem em uma ou outra fonte, mas estão imbricados nos diferentes conjuntos documentais. Evidentemente, faz-se necessário buscarmos os indícios, comparando e cruzando as fontes, para que possamos aproximar-nos de uma explicação mínima da realidade do período em estudo. Acreditamos que o esclarecimento das questões propostas passa por uma crítica a essas diferentes fontes³⁶, especialmente por se tratar de uma pesquisa sobre cultura fúnebre do Seridó.

Dessa forma, justifica-se nosso interesse pelo método de pesquisa utilizado nessa nova forma de abordar os eventos históricos, em especial pela *circularidade cultural*, por pretendermos fazer uma reflexão sobre as relações culturais e seus significados, impostos ou reelaborados, diante dos costumes fúnebres. Nosso interesse é justificado, ainda, pelo fato de, entre os novos modelos historiográficos, ser precisamente a nova história cultural que melhor consegue trazer novos ares ao trabalho do historiador. Na verdade, a produção baseada na história cultural

[...] corresponde, hoje, a cerca de 80% da produção historiográfica nacional, expressa não só nas publicações especializadas, sob forma de livros e artigos, como nas apresentações de trabalhos, em congressos e simpósios ou ainda nas dissertações e teses, defendidas e em andamento, nas universidades brasileiras.³⁷

Nesse contexto, nosso estudo tem legitimidade acadêmica e científica, na medida em que está incluso nas abordagens ancoradas na nova historiografia brasileira, ligadas ao estudo da cultura e das representações sociais, inserindo nos estudos acadêmicos atores e objetos pouco problematizados. Quanto ao

³⁶ Nesse sentido, somos partidária das discussões empreendidas pela Escola dos Annales no início do século XX, admitindo como *fonte histórica* qualquer vestígio deixado pelo homem e que pode ser utilizado para reconstituir o passado. (LE GOFF, 2002, p. 540).

³⁷ (PESAVENTO, 2004, p. 7-8).

método indiciário, trata-se do trabalho *arqueológico* de retorno aos vestígios humanos culturais e materiais da história passada. Para Ginzburg, “o que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade completa não experimentável diretamente”³⁸. Sendo assim, os indícios deixados na literatura regional, bem como na documentação manuscrita são fontes importantes na construção da problemática que cerca nosso tema. Nesse caso, as práticas funerárias encontradas seriam *índices* da forma como as representações em torno da *boa morte* e as mudanças nos costumes fúnebres se deram, e nossa interpretação uma possibilidade sustentável de explicação para elas.

Nossas inclinações para este estudo foram também determinadas pelas lacunas existentes na historiografia norte-rio-grandense sobre o assunto. Nesse sentido, nossa pesquisa encontra sua validade e relevância acadêmica, considerando-se que poucos estudos realizados no Rio Grande do Norte, com ênfase sobre o Seridó, tiveram a temática da morte como foco central e, ainda, que nenhuma pesquisa foi realizada nesse mesmo espaço apresentando como temática central de investigação a mudança nos costumes fúnebres. Na região do Seridó, existem poucas pesquisas que versam sobre o tema da morte. E todas elas tratam das representações da morte no Seridó antigo e no contemporâneo, deixando uma lacuna historiográfica quanto ao estudo das transformações na cultura mortuária, especialmente no que diz respeito à implementação dos cemitérios públicos, a partir de 1856, o que nos motivou a dar continuidade ao estudo e contribuir para a historiografia regional.

A pesquisa que propomos radica sua validade científica e sua originalidade na medida em que, partindo de evidências que encontramos em nossas investigações anteriores (SANTOS, 2005), tem como propósitos: a) refletir sobre o impacto das mudanças nos ritos funerários e na cultura mortuária no Seridó, a partir de 1856, especialmente no tocante à criação dos cemitérios públicos, buscando compreender esse processo, que teve na implementação de um novo espaço para os mortos a forma material de um possível projeto *descristianizador*

³⁸ (GINZBURG, 1989, p. 152).

da morte; b) investigar, sobretudo no discurso médico-higienista, se a proposta de criação dos cemitérios inaugura uma nova concepção frente à morte, discutindo as respostas da população às mudanças impostas pelos médicos e autoridades provinciais; c) demonstrar que, mesmo tendo sido inaugurados no século XIX, sob a aura de modernidade e a consolidação dos valores burgueses, os cemitérios secularizados revelam elementos tradicionais, principalmente pela presença de signos religiosos, o que mostra que, de muitas necrópoles brasileiras, a Igreja nunca foi completamente afastada e que a simbologia do sagrado e do profano conviveram, e convivem ainda, plenamente nesses lugares.

Os procedimentos metodológicos adotados na realização desta pesquisa buscaram inspiração teórica na Escola dos *Annales*, que, sem deixar de utilizar as fontes ditas oficiais, insere novos objetos no estudo historiográfico. Nossa pesquisa procura analisar as vozes emergentes nos documentos históricos, fundando-se na reflexão sobre dados, a partir de uma história que compreende o homem e seu mundo de acordo com as percepções que o indivíduo tem do real. Assim, como recurso metodológico para a compreensão do tema, realizamos pesquisa de campo no Laboratório de Documentação Histórica do Centro de Ensino Superior do Seridó – UFRN – como também no acervo documental da Freguesia de Sant’Ana do Seridó, atual Paróquia de Sant’Ana, ambos em Caicó-RN. Também, em relação aos séculos XVIII e XIX, motivada pela obstinação em coletar ainda mais subsídios para realizar nosso trabalho, percorremos o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, em Natal, e o Museu Histórico do Homem Sertanejo, localizado na cidade de Acari, e algumas igrejas da região do Seridó. Os arquivos públicos e os cemitérios municipais das cidades de Caicó, Currais Novos, Acari e Carnaúba dos Dantas também nos serviram como laboratórios de estudo.

Assim, foi possível iniciarmos a análise das informações contidas nos documentos, que se revelaram como fontes essenciais ao entendimento de toda a constituição cultural em torno das práticas do *bem morrer*, e das mudanças que ocorreram na cultura mortuária seridoense após 1856. Com esse material em mãos, tendo feito uma série de leituras sobre a temática e com a orientação da

professora Maria Elizia Borges, pudemos, então, traçar nosso plano de estudo e desenvolver o trabalho. A análise do material selecionado possibilitou-nos investigar a maneira como a população seridoense do século XIX e início do XX encarava a morte e como, durante esse período, se preparava para ela.

Na busca dos objetivos propostos em nossa pesquisa, nos valem de alguns trabalhos voltados à história do imaginário em torno do tema. A *história da morte*, desde muito tempo, tem sido objeto de amplas pesquisas na historiografia europeia, começando na França, berço dos estudos sobre as atitudes do homem em torno de sua *viagem derradeira*. A partir de então, surgiu um grande contingente de estudos, de pesquisadores que fazem parte da terceira geração dos *Annales*, como Michel Vovelle, Pierre Chaunu e Philippe Ariès^{39 40}. Assim sendo, a *historie de la mort* adquire, na *nova história*, um espaço significativo. Na verdade, “a morte representa uma variante ideal e essencial na experiência humana. É um invariante relativo, todavia, visto que as relações dos homens com a morte se alteram, como também a maneira como ela os atinge, embora a conclusão permaneça a mesma: é a morte”⁴¹.

Os estudos do fenômeno da morte como acontecimento social e, mais do que isso, as pesquisas em relação às representações acerca do *bem morrer* principiam com Ariès, especialmente com as ideias e novas abordagens da terceira geração da Escola dos *Annales*. Algumas escolas antropológicas se debruçam sobre os estudos da morte e dos rituais que a rodeiam. Para os evolucionistas, cujo expoente é Eduard Taylor, há uma tentativa de enfrentar esse momento. O ponto de vista funcionalista, defendido por Durkheim, ressalta que os ritos fúnebres e as práticas mortuárias se dedicam ao fortalecimento da estrutura social de cada grupo, afirmando que o sistema religioso converge para a

³⁹ BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929 – 1989): a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: UNESP, 1994.

⁴⁰ A partir de 1975, quando o historiador Philippe Ariès publicou, na França, a obra *Essais sur L'histoire de la mort em Occident*, os assuntos relacionados ao tema passaram a despertar o interesse dos pesquisadores. Nesse momento, o autor trouxe a público algumas de suas conclusões de um trabalho que havia iniciado na década de 60 e que era apenas um esboço de pesquisas maiores que futuramente surgiram.

⁴¹ VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 128-129.

preservação do próprio social. No pensamento de Clifford Geertz, o discurso sobre a morte remete essencialmente às perspectivas religiosas.⁴²

Nos últimos anos, a nova história cultural procurou retratar as diferentes práticas culturais e históricas em torno da morte, um projeto que rendeu importantes obras sobre o assunto. O estudo de Philippe Ariès (1989) reconstrói as atitudes que as populações europeias tinham para com a morte na Europa Ocidental da Idade Média, trazendo-as à atualidade. Segundo Ariès (1989), a morte é um acontecimento social: as práticas que a envolvem são socialmente construídas, condicionadas por representações ligadas às culturas, às religiões. Traçando uma linha historiográfica no tratamento da morte desde a Idade Média até o século XX na Europa Ocidental, Ariès (1989) sustenta que, na Idade Média, os mortos eram enterrados no interior das igrejas, espaço sagrado, próximo aos túmulos de santos, *local de bom descanso*.

Ao estudar a morte no Ocidente, Ariès (2003) reafirma sua preocupação em compreendê-la na sociedade cristã. Ele se preocupa em analisar o sentido das atitudes assumidas diante da morte, que são distintas. Inicialmente, ele analisa a *morte domada*, morte de que se tem um aviso prévio (uma doença, por exemplo), necessário para que o indivíduo não morra sem ter consciência de seu fim. Diante da certeza do fim, o moribundo inicia suas providências para uma *boa viagem*. A morte, no entanto, era tida como natural e esperada no leito, uma cerimônia pública, organizada pelo próprio moribundo e por seus familiares.

Os rituais funerários eram aceitos com simplicidade e desse modo cumpridos, o que dava ao agonizante a certeza de que sua alma seria conduzida à salvação. Nesse momento, o indivíduo não podia ficar isolado; seu quarto se tornava público: convidavam-se parentes, amigos e vizinhos. A presença de todos tinha importância singular para o testemunho das ações daquela pessoa no profícuo caminho para o eterno. Havia toda uma preparação: o moribundo deixava escrito nos testamentos para quem iriam ficar seus bens, numa prestação de

⁴² A respeito disso, consultar: VILAR, Márcio. Luto e morte: uma pequena revisão bibliográfica. **Revista Caos**, João Pessoa, n. 1, p. 6, 2000. Disponível em: <http://chip.cchla.ufpb.br-caos-01-vilar.html>. Acesso em: 05 mar. 2003. Estudo realizado em parceria com o GREM – Grupo de Estudo e Pesquisa em Sociologia da Emoção –, coordenado pelo Professor Mauro Koury.

contas tanto a credores humanos como aos divinos – santos, igrejas e religiosos. Assim, a morte se apresentava como coletiva e familiar, além de natural.

Contudo, a *morte domada* começa a se modificar a partir dos séculos XI e XII. A essa nova atitude diante da morte Philippe Ariès (2003) chamou de *morte de si mesmo*. Esse novo estado de morrer era traduzido pelo reconhecimento que o homem tinha de si mesmo. Nesses termos, a morte ganhava sentido de recuperação da vida, uma vez que, através de uma *boa morte*, se resgatavam os erros cometidos durante a existência terrena. A morte, portanto, levava o indivíduo a pensar. O cadáver em decomposição evidenciava o fracasso do homem e fazia com que o fim da vida fosse a única e a melhor maneira de tomar consciência de si mesmo. Logo o homem passa a se preocupar não somente com sua morte, mas, principalmente, com aquilo que virá depois e, a partir daí, busca encaminhar sua alma à salvação, através de ritos de absolvição de seus pecados – orações, doações às igrejas e irmandades, encomendação do morto, missas, testamento, dentre outras formas de fugir do julgamento final.

Ariès (2003) ainda teoriza sobre a *morte do outro*, quando o homem ocidental procura um novo sentido para a morte. A partir de então, o indivíduo se desprende um pouco mais de seu fim, sendo a morte do outro mais cultuada. Sentimentos de saudade e lembrança propiciam um novo culto à morte, o culto aos túmulos e aos cemitérios, que passam a ser o espaço dos enterramentos modernos.^{43 44} Um fenômeno importante, e que Ariès (2003) não deixou de destacar, é que a morte, a partir do século XVI até o século XVIII, ganha um sentido diferente: o mundo do imaginário. Nesse período, ela passa a ser erotizada, associada ao amor literário, ao querer o outro para sempre consigo – à imortalidade. A *morte do outro* mostra que não admitimos a separação.

Todos esses traços foram se modificando ao longo do século XIX, e a Igreja católica foi perdendo espaço para os saberes médicos. A morte passa então a acontecer nos hospitais, longe do convívio coletivo: presencia-se *um*

⁴³ João José Reis faz uma reflexão a respeito da construção dos primeiros cemitérios brasileiros, motivadas pelo discurso médico-higienista frente às epidemias de cólera-morbo, que devastaram a população provincial do Norte, a partir de 1851.

⁴⁴ REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 13-48.

deslocamento do lugar da morte. O hospital passa a ser o lugar onde se encontram cuidados que a casa não pode oferecer. No entanto essa morte não tem mais o domínio do moribundo. Os médicos se resguardam em falar da morte, e a intervenção dos amigos não se faz mais necessária. A família deve silenciar, fingindo estar confiante, para que o moribundo não perceba a gravidade do caso. A morte sai do leito de casa, ambiente privado, para os hospitais.

No Brasil, a preocupação com o *bem morrer*, conforme João José Reis⁴⁵, aparece já na colônia. A crença na imortalidade da alma e em que, ao morrer, o indivíduo pudesse passar pelo purgatório, a fim de se purificar, fazia com que existisse toda uma preocupação com a *boa morte*. Em *A morte é uma festa*, Reis (1999) revela que, no século XIX, as atitudes perante a morte tomam novas formas e sentidos. Ao tratar dos rituais fúnebres, o autor enfatiza que a Cemiterada⁴⁶ aconteceu motivada por concepções religiosas sobre a morte, os mortos e os rituais que a envolviam, numa perspectiva barroca. Especialmente durante os séculos XVII e XVIII, o estilo barroco predominava nos rituais da morte na sociedade cristã do Ocidente, e no Brasil não foi diferente.

Os estudos posteriores ao de Reis, portanto, tomaram como referência o que foi realizado por esse historiador baiano, concordando com suas ideias acerca das atitudes e representações em torno da morte no Brasil, ou acrescentando algo. Exemplo disso são os trabalhos de Rodrigues⁴⁷, que, pesquisando a secularização das atitudes e representações cristãs católicas diante da morte no Rio de Janeiro, durante os séculos XVIII e XIX, observa que, para nossos antepassados, *bem morrer* era uma arte, algo que se aprendia e ensinava.

Durante grande parte do período colonial, a organização da boa morte incluía a redação dos testamentos, com o intuito de fazer uma prestação de

⁴⁵ Reis (1999). Cf. REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: ALENCASTRO, L. F. de. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 2.

⁴⁶ Revolta popular ocorrida, em outubro de 1836, na Bahia, que destruiu um cemitério recém-construído para abrigar os defuntos, até então enterrados nas igrejas. Descontentes com a aprovação de uma lei municipal que concedia o controle exclusivo dos enterramentos a uma companhia particular, uma multidão com *mais de mil pessoas, de diversas condições*, armada com *machados, alavancas e outros ferros*, saiu do centro da cidade de Salvador (BA) em direção ao recém-inaugurado Cemitério do Campo Santo, destruindo a construção.

⁴⁷ RODRIGUES, Cláudia. **Nas fronteiras do além**. A secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

contas da vida, a fim de garantir a expiação dos pecados e a salvação da alma. Da leitura de *Nas fronteiras do além*, compreendemos que a relação dos vivos com a morte foi se transformando a partir da segunda metade do século XIX, quando a influência exercida pelo saber médico sobre a sociedade elimina a proximidade entre vivos e mortos, estes últimos suspeitos de serem focos de infecções e de proliferação de doenças. Essa separação é nitidamente concretizada mediante a implementação dos cemitérios nos arredores das cidades.

Semelhante abordagem, dessa vez tomando-se como eixo central de discussão a mobilização causada pela população cuiabana em torno da construção do *Cemitério da Piedade*, é contextualizada por Maria Aparecida Borges de Barros Rocha⁴⁸. Investigando as atitudes dos cuiabanos perante a morte, essa autora traz à tona questões através das quais se pode conhecer um pouco mais sobre o cotidiano dessa sociedade e sobre como ela se comportava diante da morte e dos mortos. Com *Transformações nas práticas de enterramento em Cuiabá*, a historiadora, baseando-se em vasta pesquisa documental, traz importantes contribuições ao tema da morte e suas representações, especialmente quando trata do fim dos enterramentos no interior das igrejas como forma de laicização da cultura fúnebre. Além disso, ela discute as resistências à implementação do campo-santo, analisando o comportamento das associações leigas e das irmandades religiosas.

Importante estudo, que não poderíamos deixar de citar, é o da professora Maria Elizia Borges⁴⁹, que, pesquisando a atuação dos marmoristas em Ribeirão Preto-SP, traz significativa contribuição ao estudo da arte funerária. Assim, em *Arte funerária no Brasil (1890-1930)*, a pesquisadora consegue focalizar com eficácia algumas questões essenciais relativas à morte e à arte funerária. Considerando a arquitetura e a estatuária, Maria Elizia Borges propõe uma leitura da arte mortuária contemplando-a para além das dimensões artísticas. A autora

⁴⁸ ROCHA, Maria Aparecida Borges de Barros. **Transformações nas práticas de enterramentos: Cuiabá, 1850-1889**. Cuiabá: Central do Texto, 2005.

⁴⁹ BORGES, Maria Elízia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930): ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto**. Belo Horizonte: Arte, 2002.

aponta questões concernentes ao imaginário coletivo e às representações de morte burguesa, próprias daquele momento histórico. Tomando como recorte de estudo o sul do Brasil, Borges elabora tipologias fundamentais para a compreensão da arte funerária: analisando-a por um prisma histórico, sua reflexão recai sobre a ideia de *morte vivida*, ou seja, uma morte acompanhada de rituais, que vão da doença ao túmulo. Percebendo a morte como parte de um processo modernizador em Ribeirão Preto, a autora observa que a implementação de um cemitério nos arrabaldes da cidade revela a mentalidade do discurso ideológico sanitaria.

Outra obra, da autoria de Amanda Aparecida Pagoto⁵⁰, destaca as principais características que marcaram a passagem do sepultamento no âmbito sagrado da igreja para o cemitério público em, São Paulo, no período de 1850 a 1860. Por meio de uma rigorosa investigação, feita em testamentos, inventários e jornais, a autora evidencia que, de acordo com a mentalidade da época, a saída do morto de dentro do espaço sagrado das igrejas acarretaria a impossibilidade de manter seus despojos sob amparo dos santos e, por conseguinte, longe da proteção divina. Ela acrescenta que, mesmo com todas as transformações pelas quais têm passado os rituais fúnebres ao longo dos tempos, a simbologia cristã ainda persiste.

Pesquisando esse mesmo espaço geográfico, merecem destaque os trabalhos de Eduardo Coelho Morgado Rezende⁵¹, ao enfatizar que os diferentes modos de se usar o cemitério refletem uma apropriação, pelo urbano, do sentido da vida. De acordo com Rezende, um marco, no Cemitério de Vila Formosa – cidade de São Paulo-SP, é a igualdade: os túmulos são construídos dentro de uma estrutura muito simples. Ali não se percebe nas sepulturas de casais a exaltação à figura masculina, comumente observada nos cemitérios tradicionais, em que existe nos mausoléus a marca do patriarcalismo. Em suas pesquisas, o

⁵⁰ PAGOTO, Amanda Aparecida. **Do âmbito do sagrado da igreja ao cemitério público: transformações fúnebres em São Paulo (1850-1860)**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004. (Coleção Teses e Monografias, v. 7).

⁵¹ REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. **Metrópole da morte, metrópole da vida: um estudo geográfico do cemitério de Vila Formosa**. São Paulo: Carthago Editorial, 2000. _____. **O céu aberto na terra: uma leitura dos cemitérios de São Paulo na geografia urbana**. São Paulo: E. C. M. Rezende, 2006.

autor afirma que a retirada dos mortos do solo sagrado foi motivada também por questões econômicas e que a distância e o isolamento da cidade foram condições preponderantes para a instalação dos cemitérios, notadamente seguindo a ideologia sanitarista.

No Nordeste brasileiro, nos últimos anos, pesquisas em nível de mestrado e de doutorado vinculadas aos programas de pós-graduação vêm pouco a pouco abordando o tema *morte e cemitério*, seja como objeto central, seja como temática correlacionada. Nesse sentido, merece ser citado o livro *Assim na morte como na vida*⁵², do historiador Henrique Sérgio de Araújo Batista, que investiga a arte no Cemitério São João Batista, em Fortaleza-CE. O texto fala da memória pensando a relação entre o cemitério e a cidade. Inserida no campo da história social, essa pesquisa discute a complexa relação entre a arte e a sociedade, enfocando o cemitério como um espaço que, antes de ser o lugar da morte, é, sobretudo, lugar dos vivos.

Do mesmo autor, porém abordando a região Sul do país, o trabalho de tese intitulado *Jardim regado com lágrimas de saudade*⁵³ ocupa-se da atuação da Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula, para compreender o processo de manutenção de práticas de assistência ao morto no Rio de Janeiro.

Um importante trabalho, defendido na Universidade Federal da Bahia – UFBA, pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas-Artes, é *Práticas e representações artísticas nos cemitérios do Convento de São Francisco e Venerável Ordem Terceira do Carmo: Salvador (1850-1920)*, de Cibele de Mattos Mendes⁵⁴. Através da leitura das imagens artísticas, dos estilos, influências, da identificação de artista artesão, bem como por meio do registro de túmulos, Cibele Mendes estuda as transformações na cultura fúnebre em

⁵² BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. **Assim na morte como na vida: Arte e Sociedade no Cemitério São João Batista (1866-1915)**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura e Desporto, 2002.

⁵³ BATISTA. **Jardim regado com lágrimas de saudade** – o morrer entre irmãos e a experiência visual em torno da morte na venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula e em seu Cemitério do Catumbi. 2008. 283f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em História. Rio de Janeiro-RJ.

⁵⁴ MENDES, Cibele de Mattos. **Práticas e representações artísticas cemiteriais do Convento de São Francisco e Venerável Ordem Terceira do Carmo: Salvador, século XIX (1850 1920)**. 2007. 336 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Belas Artes – UFBA. Salvador-BA.

Salvador. Em suas pesquisas, ficou evidenciado que a mudança dos sepultamentos do interior dos templos católicos para os cemitérios afetou diretamente as ordens religiosas, irmandades, confrarias e associações de classe, posto que a criação desses novos espaços representava um movimento descristianizador e uma séria interferência nos rituais de morte.

No âmbito da historiografia regional, tem-se a pesquisa de Milena Carvalho Bezerra Freire⁵⁵, que busca analisar a formação de uma sociabilidade entre os visitantes do Cemitério Morada da Paz, empreendimento privado situado na cidade de Natal-RN, a partir da observação das relações existentes entre os indivíduos que vão à necrópole. Nesse sentido, a pesquisadora intenta compreender como o espaço do cemitério e as relações instituídas naquele ambiente são apropriadas por seus frequentadores em seu processo de luto. Buscando respostas para suas inquietações, Milena Freire mostra que a vivência do luto nos dias atuais é inibida, caracterizada pelo isolamento e pela impossibilidade de exposição da dor.

Em se tratando do Seridó, os estudos de Silva e Araújo⁵⁶ e de Medeiros⁵⁷ dão também importantes indicações para a análise das práticas do *bem morrer*. Ambas as pesquisas se ocuparam em estudar as atitudes diante da morte, seja os rituais de preparação – durante a doença e o velório – seja aqueles executados no *post mortem*. A monografia de Medeiros examina as representações mortuárias na cidade de Currais Novos, utilizando-se de anúncios fúnebres e de *santinhos* confeccionados pelos familiares do morto para distribuição nas missas de trigésimo dia e de aniversários de morte, como forma de perpetuar a memória do ente querido.

⁵⁵ FREIRE, Milena Carvalho Bezerra. **O som do silêncio**: isolamento e sociabilidade no trabalho de luto. Natal-RN: EdUFRN – Editora da UFRN, 2006.

⁵⁶ SILVA, Francisca Palmeira Almeida; ARAÚJO, Maria Dalvanice. **O ritual dos mortos no Seridó antigo** – O caso de Currais Novos – RN. 1994. 27f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó-RN.

⁵⁷ MEDEIROS, Katiane Silva de. **Faces da morte**: rituais fúnebres no Seridó. 2002. 56f. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História e Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó-RN.

Versando sobre as doenças e epidemias que afligiam a população do Seridó na segunda metade do século XIX, Rosinéia Ribeiro de Almeida Silva⁵⁸ observa que a falta de higiene pública na província, junto à ignorância, à falta de recursos e à ausência de uma medicina preventiva, foram as principais causas para a ocorrência de tantas doenças. Desse modo, ela procurou investigar a história das doenças, nessa região, na segunda metade do século XIX, dando ênfase à epidemia de cólera que grassou na região por volta de 1856, o que provocou mudanças nos hábitos funerários e transformou o espaço urbano, especialmente com o surgimento dos cemitérios e a proibição dos enterramentos no interior das igrejas.

A propósito de investigar a morte no Seridó, Maria da Conceição Guilherme Coêlho⁵⁹ empreendeu pesquisa sobre o *viver* e o *morrer* durante os séculos XVIII e XIX. Seu estudo teve como fonte testamentos e documentos de partilha, além do Compromisso da Irmandade do Santíssimo Sacramento da vila de Currais Novos, e como meta focalizar o lugar da morte e o tratamento dado ao corpo e à alma. Coelho (2000) observa que a presença da Irmandade do Santíssimo Sacramento naquele espaço colonial promoveu o surgimento de uma nova cultura mortuária, posto que essa associação passou então a estabelecer novos vínculos entre a sociedade e a igreja.

Estudando as atitudes diante da morte na Povoação de São João do Sabugi-RN, Joelma M. de Araújo Branco⁶⁰, em sua monografia de especialização, defendida em 2001 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e intitulada *Entre os gritos da vida e da morte*, aponta que os rituais executados em prol do morto estavam intimamente ligados ao entendimento que o indivíduo tinha da salvação de sua alma e da vida eterna. O estudo de Joelma Branco desponta

⁵⁸ SILVA, Rosinéia Ribeiro de Almeida. **O Seridó em tempos de cólera**: doenças e epidemias na segunda metade do século XIX. 2003. 80f. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História e Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó-RN.

⁵⁹ COELHO, Maria da Conceição Guilherme. **Entre a terra e o céu**: viver e morrer no sertão do Seridó – séculos XVIII e XIX. 2000. 101f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal-RN.

⁶⁰ BRANCO, Joelma M. de Araújo. **Entre os gritos da vida e da morte**: reconstruindo atitudes perante a morte em São João do Sabugi na primeira metade do século XX. 2001. 52f. Monografia (Especialização em História do Nordeste) - Departamento de História e Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó.

como um dos primeiros a pensar as representações da morte no Seridó tendo como fonte de investigação documentos testamentários.

Outro texto que nos dará suporte é o de dom José Adelino Dantas⁶¹. Nele, pode ser visto como eram estruturados os assentamentos de óbito na Freguesia de Sant'Ana do Seridó no século XVIII. Além disso, o autor revela o tratamento dado aos mortos e, principalmente, fornece uma estatística das mortes referente ao período de 1789 a 1838.

Na esteira desses trabalhos, encontra-se nossa dissertação do mestrado em Ciências Sociais⁶², na qual propomos uma revisão da historiografia regional acerca das atitudes e representações da morte no Seridó. Examinando documentos paroquiais de óbitos e testamentos da Freguesia de Sant'Ana do Seridó, constatamos que a maior preocupação dos moradores do Seridó era não morrer sem preparação. As atitudes relacionadas ao *bem morrer* observadas pela população seridoense demonstravam a grande inquietação com a *passagem*, principalmente pelo fato de ser a morte um fenômeno do qual não é possível conhecer a hora exata.

Esse conjunto de fontes bibliográficas tornou-se especialmente importante para a composição do estudo que ora realizamos, uma vez que foi a partir dessas pesquisas, e em contato com a documentação existente, que tivemos a oportunidade de iniciar as discussões acerca das representações e do imaginário da morte na região do Seridó.

A escrita que ora apresentamos está dividida em cinco partes, a saber: um texto introdutório – que corresponde ao primeiro capítulo –, mais três outros capítulos e algumas considerações finais. No segundo capítulo, *Sobretudo Seridó*, fazemos uma breve contextualização histórico-espacial do Seridó, dando ênfase a seu processo de colonização e ocupação e apresentando um primeiro rascunho a respeito *de como se viu a morte* nesse espaço. Retomamos então nosso estudo feito em 2005, a fim de melhor introduzir a problemática da dessacralização da cultura fúnebre. Nesse sentido, traçamos considerações sobre os mecanismos

⁶¹ DANTAS, Dom José Adelino. De que morriam os sertanejos do Seridó antigo? **Tempo Universitário**, Natal-RN, v. 1, n. 1, p. 131-136, 1976.

⁶² (SANTOS, 2005).

utilizados pelos moradores do Seridó dos séculos XVIII e XIX na busca pela salvação de sua alma.

No terceiro capítulo, nomeado *Os novos padrões higiênicos e a normatização da morte no Seridó*, analisamos como a população acompanhou as mudanças de hábitos, principalmente em se tratando das discussões envolvendo o ideário sanitarista, que culminou em transformações na cultura fúnebre. Desse modo, tornou-se necessário enfatizarmos as ações estatais e municipais frente à ideologia modernizante, concretizadas nas *posturas* assumidas pelos governantes no sentido de normatizar os costumes cotidianos. Assim, buscamos analisar as ideias higienistas presentes nos discursos oficiais, as quais se estabeleceram entre a população como forma de normatização das práticas sociais.

No quarto capítulo, intitulado *Espaços imaginados, lugares concretos – cemitérios seridoenses: novas práticas, antigos rituais*, buscamos mostrar os novos costumes adotados pela população seridoense a partir da implementação dos cemitérios convencionais. Nesse sentido, apresentamos alguns dos camposantos mais antigos da região. A análise dos túmulos e seus componentes se tornou fundamental no sentido de pensarmos o cemitério como espaço de memória, especialmente quando levamos em consideração as formas utilizadas pela população na gestão das lembranças, elucidadas a partir das lápides, dos epitáfios e de manifestações artísticas colocadas nos túmulos.

Finalmente, esboçamos algumas considerações com o intuito de problematizar o tema que nos propusemos estudar, buscando abrir caminhos e deixar algumas indicações que possam ser seguidas por novos pesquisadores. Por se tratar de um tema pouco estudado na historiografia brasileira, compreendemos que as abordagens inscritas nesta investigação não se pretendem definitivas. A experiência em discursar sobre a temática deve mesmo ser compreendida como uma pista para novas investigações. Assim, com nosso trabalho pretendemos oferecer uma contribuição à historiografia de nossa sociedade, notadamente no campo de estudo do imaginário e das práticas culturais.

Referências

- MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. **Rústicos cabedais**: patrimônio e cotidiano familiar nos sertões do Seridó. (Séc. XVIII). 2007. 300f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Natal-RN.
- BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. **Assim na morte como na vida**: Arte e Sociedade no Cemitério São João Batista (1866-1915). Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura e Desporto, 2002.
- _____. **Jardim regado com lágrimas de saudade** – o morrer entre irmãos e a experiência visual em torno da morte na venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula e em seu Cemitério do Catumbi. 2008. 283f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em História. Rio de Janeiro-RJ.
- BECKER, Ernest. **A negação da morte**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria da religião. São Paulo: Paulus, 1985. p. 119.
- BORGES, Maria Elízia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930)**: ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto. Belo Horizonte: Arte, 2002.
- BRANCO, Joelma M. de Araújo. **Entre os gritos da vida e da morte**: reconstruindo atitudes perante a morte em São João do Sabugi na primeira metade do século XX. 2001. 52f. Monografia (Especialização em História do Nordeste) - Departamento de História e Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó.
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929 – 1989)**: a revolução francesa da historiografia. São Paulo: UNESP, 1994.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campos, 1997.
- CATROGA, Fernando. **O Céu da Memória**: Cemitério Romântico e Culto Cívico dos Mortos em Portugal 1756-1911. Coimbra: Minerva, 1999.
- COÊLHO, Maria da Conceição Guilherme. **Entre a terra e o céu**: viver e morrer no sertão do Seridó – séculos XVIII e XIX. 2000. 101f. Dissertação (Mestrado em

Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal-RN.

DANTAS, Dom José Adelino. De que morriam os sertanejos do Seridó antigo? **Tempo Universitário**, Natal-RN, v. 1, n. 1, p. 131-136, 1976.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FREIRE, Milena Carvalho Bezerra. **O som do silêncio**: isolamento e sociabilidade no trabalho de luto. Natal-RN: EdUFRN – Editora da UFRN, 2006.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras: 1989.

_____. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

IBGE. Resolução PR n. 51 de setembro de 1989 (apud MACÊDO, 2007). Boletim de serviço n. 1736, p. 2 (apud MACÊDO, 2007).

LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Lisboa: Estampa, 2002.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Velhos inventários do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1983.

MEDEIROS, Katiane Silva de. **Faces da morte**: rituais fúnebres no Seridó. 2002. 56f. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História e Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó-RN.

MENDES, Cibele de Mattos. **Práticas e representações artísticas cemiteriais do Convento de São Francisco e Venerável Ordem Terceira do Carmo: Salvador, século XIX (1850 1920)**. 2007. 336 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Belas Artes – UFBA. Salvador-BA.
MENESES, 2003.

PAGOTO, Amanda Aparecida. **Do âmbito do sagrado da igreja ao cemitério público**: transformações fúnebres em São Paulo (1850-1860). São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004. (Coleção Teses e Monografias, v. 7).

PESAVENTO, Sandra Jatagy. **História e história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: ALENCASTRO, L. F. de. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 2.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. **Metrópole da morte, metrópole da vida: um estudo geográfico do cemitério de Vila Formosa**. São Paulo: Carthago Editorial, 2000.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. **O céu aberto na terra: uma leitura dos cemitérios de São Paulo na geografia urbana**. São Paulo: E. C. M. Rezende, 2006.

ROCHA, Maria Aparecida Borges de Barros. **Transformações nas práticas de enterramentos: Cuiabá, 1850-1889**. Cuiabá: Central do Texto, 2005.

RODRIGUES, Cláudia. **Nas fronteiras do além**. A secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

SANTOS, Alcineia Rodrigues dos. **Temp(I)o da salvação: representações da morte e ritos fúnebres no Seridó nos séculos XVIII e XIX**. 2005. 179 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN.

SILVA, Francisca Palmeira Almeida; ARAÚJO, Maria Dalvanice. **O ritual dos mortos no Seridó antigo – O caso de Currais Novos – RN**. 1994. 27f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó-RN.

SILVA, Rosinéia Ribeiro de Almeida. **O Seridó em tempos de cólera: doenças e epidemias na segunda metade do século XIX**. 2003. 80f. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História e Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó-RN.

VILAR, Márcio. Luto e morte: uma pequena revisão bibliográfica. **Revista Caos**, João Pessoa, n. 1, p. 6, 2000. Disponível em: <http://chip.cchla.ufpb.br-caos-01-vilar.html>. Acesso em: 05 mar. 2003.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 128-129.